

ENSAIOS

Um novo modelo de saúde é possível

Ananias Viana

Ativista quilombola e educador popular, com uma atuação no desenvolvimento de comunidades quilombolas. Coordenador do Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape e do Núcleo de Desenvolvimento dos Quilombos do Território do Recôncavo Baiano. Também é conselheiro estadual de saúde. É coreógrafo, compositor e vocalista do grupo de samba de roda Suspiro do Iguape. Doutor Honoris Causa pela OCB em parceria com a FEBRAICA.

Email: ananiasviana@gmail.com

Resumo

O texto apresenta a defesa de novo modelo de saúde, enraizado no conhecimento ancestral que simetriza a medicina tradicional à medicina convencional. A proposta já é praticada nas comunidades quilombolas e envolve o uso de ervas medicinais, espiritualidade e profissionais de saúde, resultando em benefícios para a saúde local, inclusive durante a pandemia. O autor critica o sistema de saúde atual, que marginaliza as práticas tradicionais, e pede que a ciência tradicional seja reconhecida e valorizada pela medicina convencional e pelo Estado.

Palavras-Chave: Quilombo. Medicina Tradicional. Folhas.

Sou Ananias Nery Viana, da comunidade quilombola Kaonge, em Cachoeira/BA. Sou um quilombola ativista e faço parte do Conselho das Comunidades Quilombolas da Bacia e Vale do Iguape e do Núcleo de Desenvolvimento das Comunidades Quilombolas do Território do Recôncavo Baiano e do Movimento Quilombola do Estado da Bahia e Conselheiro Estadual de Saúde.

Quando a gente fala de “um novo modelo de saúde é possível”, é porque acreditamos que um novo modelo para tudo é possível: um novo modelo para a educação é possível, para a sustentabilidade é possível, e acreditamos muito nesse novo modelo de saúde, porque nós que somos das comunidades quilombolas já temos um modelo de saúde, e esse modelo vem das nossas ancestralidades, e que foi passando de pai para filho. Eu costumo dizer sempre que a gente busca o passado dos nossos ancestrais e atualiza ao presente com filhos, netos e bisnetos dos nossos ancestrais.

A gente nunca foi prioridade pelo poder público na área de saúde - e em tantas outras áreas também. E isso vem de um processo desde a época da escravidão: esse sistema, logo após a escravidão, deixou a gente totalmente abandonado: sem saúde, sem educação, sem saneamento básico, sem sustentabilidade. E aí foi o momento dos nossos ancestrais desenvolverem as suas tecnologias sociais que estavam enraizadas no corpo, na mente, no coração e nos saberes e fazeres deles.

E a gente já entendeu que isso tem que virar um projeto de saúde para atender este novo modelo demandado pelas comunidades. Estou falando de um modelo que já estamos praticando. Você imagina que dentro da escola, transformava uma sala de aula, dia de sábado, transformava duas salas de aula numa verdadeira clínica! A gente colocava psicólogo, médico clínico, cirurgião e assistente social: tudo dentro das

salas e eles iam atendendo as pessoas. Mas na sala não ficava só com os profissionais de saúde e nem só com a pessoa que estava sendo atendida - ficava também uma rezadeira, uma orientadora espiritual, ficava uma terapeuta que faz massoterapia espiritual, tudo dentro das salas.

E por que isso? Porque a gente sente que existem muitos doentes dentro dos hospitais, nos sanatórios, que não têm “doença de hospital”. E aí a gente fez essa combinação com os médicos que a gente só preferiu que fossem profissionais que tivessem ligação com a medicina espiritual e com a medicina do plano terra. Um novo modelo é possível, porque a gente separa o que é da medicina espiritual e o que é da medicina convencional, do plano “terra”. Isso deu um resultado muito positivo, porque tinham pessoas que achavam que estavam doentes, achavam que iam morrer, mas não estavam sentindo nada de doença de médico; era doença espiritual. E outras pessoas que tinham “doença de médico”, iam para o médico. Isso diminuiu muito a ida das pessoas para os hospitais.

Nesse processo, qual remédio a gente utiliza? A gente utiliza os remédios que a gente tem dentro das comunidades e que se faz dentro das casas, dentro desse processo espiritual. E isso deu um resultado muito grande, com pessoas de várias comunidades que vinham para o Kaonge em dia da medicina coletiva para se tratar.

Tivemos as recomendações das ervas medicinais para fazer o chá, para fazer xarope, para fazer garrafada. É por conta disso que a gente não teve muitos problemas aqui na pandemia. Fizemos o teste nas comunidades: o resultado foi que em muitas famílias já tinha tido covid; mas ninguém sabia que tinha tido. E o que curou essas pessoas? Foram as ervas medicinais, as garrafadas. Os remédios foram distribuídos em diversas comunidades. Para as pessoas que estavam com qualquer sintoma, as garrafadas continuavam. Várias pessoas se

curaram, não só das comunidades, como de outros lugares, outros estados.

A gente conseguiu, inclusive, tirar pessoas de dentro do hospital que lá estavam sem necessidade. Uma coisa que a gente sente necessidade é de que os hospitais tenham sensibilidade; a direção do hospital pode trabalhar dessa forma. O que é que impede que uma yalorixá ou uma rezadeira possa trabalhar ao lado de um médico dentro do hospital? O que é que impede isso? Para a gente, não impede nada; mas quando a gente está no hospital, impedem muitas coisas. Para a gente, isso seria uma forma de reduzir a quantidade de pessoas doentes nos hospitais, porque tem gente que não está com “doença de hospital”.

Então esse projeto “Um novo modelo de saúde é possível” já acontece, mas a gente precisa de uma estrutura, não sei bem se de uma clínica, ou um laboratório, mas que seja ligado diretamente à questão espiritual da saúde tradicional com a saúde convencional, para fazer essa ligação. O que a gente quer é que esse laboratório tenha a possibilidade de fabricar, fazer remédios mesmo, fazer garrafadas, chás, remédios que curem as pessoas.

A gente precisa que o Estado reconheça isso. A gente precisa que a medicina convencional reconheça, confie na medicina tradicional. Porque se a medicina convencional não reconhece a medicina tradicional, a gente não pode também reconhecer a ciência deles, porque o que fazemos também é ciência. E aí eu pergunto: como foi que surgiu a medicina, como foi que existiram cursos de medicina? Se primeiro as pessoas não vieram para a “base” (os quilombos) conhecer a medicina tradicional para levar as informações para a universidade e colocar na medicina convencional, que é essa que a gente vê? Porque tudo partiu da base, tudo que existe na universidade partiu de alguém do campo e o campo é a base, é lá que estão

os conhecimentos tradicionais. É na base que tem o público, é na base que tem o povo; sai dessas bases e vai para dentro das universidades.

Nas universidades não houve valorização, eles não acreditaram nessa medicina tradicional - quer dizer, pegaram, transformaram, e colocaram numa medicina convencional. Inclusive, para descaracterizar as nossas medicinas, nossas tradições e os nossos saberes e fazeres, eles pegaram das próprias localidades e disseram: “para descaracterizar, até o nome a gente vai trocar”. Mudaram os nomes das ervas medicinais, porque as ervas medicinais a gente conhece como ervas medicinais, mas quando chega na universidade é outro nome, é o nome científico que eles colocam, afirmando, entre eles, que não há ciência cá do outro lado. E a ciência saiu de cá! Existe essa ciência. E a gente acredita na nossa ciência, a gente acredita na ciência tradicional. Mas a gente precisa que os pesquisadores, que a medicina convencional acredite na nossa medicina tradicional, porque é uma ciência também, e a gente precisa acreditar em todas as ciências que fazem o bem.

A gente tem um laboratório ao ar livre, a nossa saúde é ao ar livre, o nosso laboratório são as ervas medicinais que a gente tem. E aí a gente vai para essas questões convencionais - é cruel porque é o capital. Para o capital você tem que ficar doente, você tem que comer com agrotóxico, porque os laboratórios precisam ganhar dinheiro, as farmácias precisam ganhar dinheiro, os médicos, os hospitais particulares... E não vai ganhar dinheiro se não tiver ninguém doente. Então é um sistema perverso que ao invés de você preservar, você destrói, você mata as pessoas, porque alguém vai ganhar com isso, alguém está ganhando com isso.

A gente tem a ciência do bem e a gente quer que seja reconhecida pelo Estado brasileiro, pelo mundo da ciência, a gente quer que essa ciência também seja reconhecida e

Um novo modelo de saúde é possível

afirmada. E aí a gente precisa que as pessoas que estiverem trabalhando dentro da medicina tradicional, que também recebam por isso, porque elas e eles também fazem ciência.

Respeitem a Nossa Ciência!

A New Model of Health is Possible

Abstract: The text advocates for a new model of health rooted in ancestral knowledge that aligns traditional medicine with conventional medicine. This proposal is already practiced in quilombola communities and involves the use of medicinal herbs, spirituality, and health professionals, resulting in benefits for local health, including during the pandemic. The author critiques the current healthcare system, which marginalizes traditional practices, and calls for traditional science to be recognized and valued by conventional medicine and the State.

Keywords: Quilombo. Traditional Medicine. Leaves.

Aceito em: 02/10/2024

Publicado em: 04/10/2024